

# O CAMPO MINADO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS<sup>1</sup>

Claudia Maria XATARA<sup>2</sup>

- RESUMO: Este trabalho apresenta questões teóricas e práticas relacionadas aos estudos lexicológicos e ao tratamento lexicográfico das expressões idiomáticas, enfocando a problemática de seu conceito e de suas marcas de frequência, de espaço e de tempo, além de suas marcas sociais.
- PALAVRAS-CHAVE: Expressão idiomática; lexia complexa; conotação; cristalização; frequência; regionalismo; sincronia; níveis de linguagem.

## 0 Introdução

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesses entretimentos, esse ou aquele embarcasse em canoa furada.

---

<sup>1</sup> Parte de um dos capítulos de minha tese de doutorado (Xatara, 1998).

<sup>2</sup> Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP

As linhas acima são apenas um trecho da crônica *Antigamente* de Drummond de Andrade (In: *Poesia completa e prosa*, 1977, p.1183), em que o poeta explora com maestria, num contexto ordenado e harmônico, os efeitos do uso das rebeldes ditas expressões idiomáticas (EI). A Drummond une-se, sem economia de espaço, uma infinidade de outros 'exploradores': escritores, dos grandes nomes da Antigüidade aos não menos grandes da literatura atual; publicitários e jornalistas; pessoas cultas, pessoas menos cultas, enfim, qualquer um que queira se expressar com esse abundante e rico material da linguagem coloquial.

Essa profusão das EI justifica-se por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque podemos contrapor a seu caráter previsível e a seu automatismo, desgastado pela freqüência de emprego, um poder surpreendentemente criativo de seus efeitos sobre os usuários, através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal. Em segundo lugar, porque o mundo das EI revela uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções.

Entretanto, se de um lado encontramos EI por toda a parte, presentes discreta ou abusivamente, por outro lado não encontramos tão facilmente estudos específicos sobre elas. Porém, ainda que os métodos de análise das EI não estejam inteiramente aperfeiçoados e continuem de certo modo imprecisos até hoje, a importância desses estudos é inegável, porque elas representam unidades de base que, como as palavras simples, devem ser integradas sistematicamente no inventário dos elementos lexicais constitutivos das estruturas semiológicas da linguagem (Greimas, 1960), embora o seu tratamento lexicográfico revele problemas teóricos e práticos. É o que abordaremos a seguir.

## **1 Problemas teóricos**

O primeiro passo a ser tomado é identificar e delimitar o tipo de unidade lexical que deva ser designado *expressão idiomática*, ou seja, o seu conceito.

Tomando por base, entre tantas outras teorias lexicais, as de Biderman (1978), Chafe (1979), Danlos (1981), Gross (1982), Ruwet (1983), Tagnin (1988) e Lodovici (1989), e as considerações levantadas em pesquisa anterior (Xatara, 1994), propomos a seguinte definição de EI:

**expressão idiomática** é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.

Como a lexia complexa apresenta uma gradação, da locução ao provérbio (Pottier, 1962), convém desenvolvermos a abrangência dessa definição.

### 1.1 EI = lexia complexa indecomponível

Salvo numa perspectiva etimológica ou histórica, as unidades lexicais complexas são indecomponíveis. Sincronicamente, portanto, em análise distribucional ou funcional, as EI são unidades locucionais ou frasais que constituem uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita, pois se apresentam como sintagmas complexos que não têm paradigmas, ou seja, quase nenhuma operação de substituição característica das associações paradigmáticas pode ser normalmente aplicada.

Se enfocarmos, em uma EI, sua distribuição única, verificaremos que é impossível interpolarem-se elementos que lhe são alheios (*estar com a pulga [andando?] atrás da orelha [esquerda?]*); também não se pode substituir uns elementos por outros (*fazer castelos [mansões?] na areia [na praia?]*) ou certas categorias gramaticais (*dormir como uma pedra [pesadamente?]*).

Considerando-se, pois, a distribuição única de uma EI, levam-se em conta quatro aspectos convencionáveis: o seu significado (é de geral consentimento entender *pagar o pato* como "sofrer as conseqüências"), a ordem de ocorrência dos elementos (*dar com a cara na porta* constitui uma EI, mas não *dar na porta com a cara*), as relações de similaridade baseadas na seleção (*dar com a cara na janela* ou *dar com o rosto na porta* já não são mais EIs) e as relações de contigüidade baseadas na combinação (expressões como *noves fora nada*, *diabo a quatro* são aceitáveis, embora agramaticais), além de ser a combinação léxica dos componentes que determina a arbitrariedade da significação.

No caso de distribuição restrita, há escalas de variabilidade que correspondem a graus de cristalização (Xatara, 1994).

### 1.2 EI = lexia complexa conotativa

A cada segmento da cadeia sintagmática considerado uma EI, convencionam-se a atribuição de uma significação segunda, conotativa,

ou de pelo menos um primeiro nível de abstração, que constitui transferência de significado de um lugar semântico a um outro, com o significante continuando o mesmo. Esse é o procedimento da conotação, assim definido por Greimas (1960).

Trata-se de um tipo de paráfrase sobretudo metafórica, atualizada em unidades comutáveis com frases inteiras (*Nesse mato tem coelho* ↔ Há algo que não está claro nesse assunto), ou com sintagmas verbais (*estar com os bolsos cheios* ↔ ter muito dinheiro) ou com lexias simples (*rodar a bolsinha* ↔ prostituir-se) (Geckeler, 1976).

Essa metáfora, contudo, não deve ser associada à linguagem literária, como normalmente se procede, pois a função poética, no nível da linguagem cotidiana, sempre se fez ricamente presente, tornando o modo por que se diz algo tão importante quanto aquilo que é dito, representando, além de um recurso de que se lança mão por falta de expressão adequada, um meio de caracterização pitoresca.

Uma EI, portanto, é duplamente arbitrária: arbitrária porque, igualmente como ocorre com qualquer outro signo, a relação entre seu significado e seu significante não é motivada naturalmente, e arbitrária uma segunda vez porque a relação entre os signos que a compõem não é motivada lingüisticamente, o que ocorre com as palavras compostas.

Na sua origem, sua motivação é metafórica e no processo de metaforização, cada componente da EI perde sua função nominativa própria e se dessemantiza, isto é, não adquire uma nova função nominativa, pois é a EI vista como conjunto que adquire essa nova função.

Ela é um sintagma não-composicional, oriundo de uma combinatória de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos (*dar com a cara na porta* significa metaforicamente "não encontrar ninguém onde se foi procurar" e não "bater a cara, intencionalmente ou não, numa determinada porta"). É a coexistência de ao menos dois empregos do mesmo sintagma que fundamenta o sentimento da metaforização (Pottier, 1987): um emprego literal ou denotativo, e a expressão é chamada homônimo livre da EI, e um emprego conotativo. Aliás, há um grande número de EI que possuem homônimos livres ("abrir os olhos", "cruzar os braços", "jogar um balde de água fria").

Assinalamos, por outro lado, que outras figuras de estilo, além da metáfora, podem ser expressas pelas EIs, como a metonímia (*ser um*

*bom garfo*), a antonomásia (*o Rei dos reis*), a comparação (*enrugado como maracujá de gaveta*) etc., todas efetivamente conotativas.

### 1.3 EI = lexia complexa cristalizada

Não basta, porém, que uma lexia seja indecomponível em sua forma e conteúdo para ser denominada idiomática. Um outro fator, que será responsável por seu processo de lexicalização, sinal verde para ser incluído na nomenclatura de um dicionário, é a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando-o *estável* em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade. Em outras palavras, uma EI é o produto de um processo de repetição na diacronia da língua (Zuluaga, 1980).

Apesar de serem mantidas à parte, ou mesmo à margem dos estudos lingüísticos por formarem um grupo que foge à normalidade das construções não-fixas, as EIs não são, pois, um aglomerado de idiosincrasias lexicais, mas combinações estáveis com traços categoriais próprios, ou, no dizer de Corbin (1983) e Tagnin (1988), combinações convencionais de relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro de uma irregularidade.

Uma EI, então, poderia ser confundida com qualquer unidade léxica composta, em razão do critério de cristalização comum a ambas, mas não o é por seu caráter eminentemente conotativo; e por esse seu valor semântico especial, uma EI poderia ser caracterizada como um neologismo sintagmático (Alves, 1991), mas desse se distingue por estar lexicalizada de há muito e não apenas em vias de lexicalização.

Estamos, agora, em melhores condições para afirmarmos que EIs não são:

- *locuções*, que encerram uma forma funcional de organização dos elementos disponíveis da língua e não uma maneira de exprimir algo, portanto não implicam nenhuma retórica e uma estilística nem supõem qualquer figura: cf.: *ao lado, às pressas, desde que, de chofre*, etc.;
- *combinatórias usuais*, que correspondem a unidades lingüísticas convencionais, de sentido denotativo, caracterizadas pela co-ocorrência léxico-sintática de seus elementos, e produzem a impressão de já serem habitualmente conhecidas: *apoio incondicional, diametralmente*

*oposto, gravemente doente, intimamente ligado, calor sufocante, vivo interesse, fidelidade a toda prova, firme propósito, imperativo absoluto, violência cega, desejar ardentemente, estar perdidamente apaixonado, guardar uma lembrança inesquecível, jurar solenemente, recusar categoricamente etc.* (Bally, 1951; Tagnin, 1988);

- *perífrases verbais* ou “colocações” com verbos suportes – cujos argumentos não têm restrição –, de mera função nominativa, que correspondem ao modelo SV + SN, sem transformação dos significados dos componentes, a saber: *bater em retirada, correr o risco, dar um passeio, fazer uma afirmação, ter medo, tomar uma decisão etc.* (Greimas, 1960; Lipshitz, 1981; Tristá, 1988);
- *ditados*, considerados elementos não conotados, ou *provérbios*, elementos conotados, cuja formulação arcaizante confere-lhes um tipo de autoridade que depende da “sabedoria dos antigos”. Tanto ditados quanto provérbios, estudados pela paremiologia, enunciam *verdades eternas* na forma de simples constatações, apresentadas em uma estrutura, ao mesmo tempo, clara e fechada, por exemplo: *Quanto mais se tem, mais se quer; Em terra de cegos, quem tem um olho é rei; Deus dá o frio conforme o cobertor etc.* (Greimas, 1960).
- *gírias*, ou *lexias*, geralmente simples, de renovação relativamente rápida, em virtude da sua freqüente arcaização, usadas como “marca” grupal: *escroto, mina, podre etc.*
- *sintagmas terminológicos* ou unidades lexicais complexas que correspondem a um conceito restrito a uma determinada área científica ou técnica, cf.: *supremo tribunal federal, válvula redutora de pressão, viga mestra etc.* (Tristá, 1988). Há, contudo, *lexias terminológicas* banalizadas no uso comum, que podem assim ser classificadas como *idiomatismos*: *idade da razão* (da psicologia), *denominador comum* (da matemática), *criar raízes* (da biologia) etc.

As distinções acima, para o bem da verdade, dizem respeito apenas a simples tendências e os limites entre elas estão longe de serem consensuais.

Por outro lado, EI seria um termo sinônimo de:

- *clichês* ou *chavões*, definidos aqui como criações literárias que se banalizaram pelo uso, por exemplo: *o astro do dia, a primavera da vida, silêncio sepulcral etc.* (Greimas, 1960);
- *estereótipos* ou *lugares-comuns* que são frases feitas ou fórmulas de emprego muito freqüente, revelando uma falta contra a verdade, por constituírem uma crença simplista (Ettinger, 1982) e se fundamenta-

rem na ignorância e no preconceito, ainda que representem concepções de valor predominantes em uma dada comunidade cultural: *Homem [empregada] é tudo igual – nenhum presta; As crianças não pediram para nascer; As mulheres são o sexo frágil*. São, enfim, idéias e convicções básicas que só se impõem pela sua repetição; hábitos que só se formam porque assim são impostos (Sabino, 1984).

- *fórmulas situacionais*, sentenças usadas em situações de comunicação específicas: *Não seja infantil!; Não é o que você está pensando!* (Tagnin, 1987).
- *locução fraseológica* que representa um grupo de palavras consagrado pelo uso e cuja associação atinge seu mais alto grau de coesão, pois o sentido real das palavras isoladas desaparece (Bally, 1951);
- *fraseolexema* que é a unidade no centro da fraseologia onde se encontra o grau máximo de idiomaticidade, uma vez que é formada com base em processos semânticos mais complexos, ou seja, com base na transformação do significado por metáfora para designar de maneira mais expressiva o que se queira dizer (Hundt, 1994). Em outras palavras, a fraseologia, com uma zona periférica e uma central, cada qual com seus respectivos objetos de estudo, seria a “ciência” que estuda as diversas categorias de lexias complexas, dentre as quais, as EIs (Fiala, 1987).

## 2 Problemas práticos

O sistema de inclusão dos idiomatismos nos dicionários gerais ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da nomenclatura, se as EI vierem como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como subentradas.

Os dicionários unilíngües muitas vezes não delimitam claramente essas combinações sintático-semânticas freqüentes e fixas, isto é, cristalizadas pelo uso em uma língua, identificando-as como tais, mas as incluem entre os diferentes sentidos figurados de um dos elementos da EI (Bárdosi, 1992; Heinz, 1993). Além disso, os unilíngües nos dão apenas paráfrases semânticas das EI. Por outro lado, somente um pequeno número dessas unidades cristalizadas constam num *dicionário bilíngüe* sendo especificadas com traduções também freqüentes e cristalizadas – sempre que possível –, a fim de se favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira.

A elaboração de dicionários especiais de EI também carece de sistematização, pois geralmente essas expressões são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a elas unidades lexicais muito heterogêneas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais, perífrases verbais, provérbios, ditados, gírias, fraseologismos técnico-científicos etc. Confirmamos, assim, o que diz Borba (1991) em relação aos *dicionários de línguas* também para um dicionário especial: o primeiro problema para a sua elaboração está na escolha de critérios que garantam a seleção adequada das informações.

Além disso, poucos são os dicionários especiais (como o de Galisson, 1984, e o de Duneton & Claval, 1990), que combinam a classificação alfabético-semasiológica e onomasiológica, para darem conta, ao mesmo tempo, do aspecto funcional que é o da eficácia e rapidez da procura de uma expressão, e do aspecto (epistemo)lógico que é o da procura de uma expressão a partir da noção capaz de "condensar" em uma palavra ou *conceito-chave* a significação da EI em questão.

Na maioria dos dicionários unilíngües, especiais ou de língua, a compreensão das definições completa-se com indicativos de diversas naturezas, que esboçam – muito grosseiramente – uma configuração dos usos da língua. Nos bilíngües, porém, esses indicativos, quando aparecem, muitas vezes não são suficientes se não acompanharem traduções que também os respeitem na língua estrangeira. Referimo-nos às marcas de frequência de uso, às de espaço, às de tempo e às marcas sociais.

## 2.1 Marcas de frequência de uso

Considerando-se um só estado de língua, pode-se indicar que o emprego de uma EI seja *raro*, *inusitado* ou *corrente* quanto à sua frequência no seu atual estágio sincrônico.

De um modo geral, as EI são muito freqüentes (*besta quadrada; ter costas largas; com o pé nas costas* etc.), visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta. E quando um dicionário inclui as EI pitorescas e atestadas nos textos, embora não mais usuais, é porque os autores acham importante lembrar sua existência e valor, para mostrarem sua coerência com a fraseologia moderna.

A questão, porém, que resta ainda resolver, de modo mais consensual entre os lexicógrafos, e com maior cientificidade, é qual

deve ser o limiar de frequência que garanta, ou exija, a presença de uma determinada unidade lexical em um dicionário, visto que, na verdade, a frequência é condicionada por diversos fatores, como o meio social, a situação, as preferências pessoais etc. (Messelaar, 1988).

## 2.2 Marcas de espaço

Quanto ao espaço, impõe-se a questão dos domínios geográficos diferentes, dentro e fora de um país, tais como os empregos qualificados como regionais. Um dos critérios para se selecionar uma nomenclatura de EI, é, por exemplo, não se contemplar usos particulares ou regionalismos, como *conduite de onze heures* e *donner sa part au chat*, de uso restrito às regiões francesas de Anjou e da Borgonha, respectivamente.

## 2.3 Marcas de tempo

Quanto ao tempo, as marcas opõem empregos *arcaicos* aos empregos compreendidos e produzidos hoje, reunindo tanto as expressões cuja morfossintaxe é antiquada, embora estejam em uso (em língua francesa, temos: *à son corps défendant* → com pesar, *geler à pierre fendre* → fazer um frio de rachar), quanto as que se caracterizam por seu obsoletismo lexical (*aux 'aguets'* → à espreita, *chercher 'noise'* → procurar encrenca, *dans son 'for' intérieur* → em seu íntimo, *il y a belle 'lurette'* → há um tempão).

Outro aspecto diacrônico é que, por intermédio de estudos filológicos, se pode determinar a filiação histórica de uma EI, como fazem esses mesmos autores ao apresentarem, além da evolução do sentido das expressões, sua *origem* com data do primeiro emprego conhecido.

Contudo, em estudos sincrônicos (uma sincronia pura pode corresponder a 60 anos de história da língua segundo Rey-Debove), o obscurecimento de seus elementos formadores manifesta a espessura simbólica e metafórica de uma linguagem que é condensada, presente por toda parte, muitas vezes discretamente. Mas, mesmo se o sentido próprio de seus elementos estiver quase praticamente apagado e o sentido primitivo de uma EI totalmente perdido ou só puder ser restabelecido por um esforço de reflexão ou de explicações etimológicas, o falante continua preservando o sentimento inconsciente de que há uma imagem, ainda que não tenha a menor idéia quanto à sua origem.

## 2.4 Marcas sociais

Quanto às marcas sociais ou diastráticas, não há critério realmente preciso para se distinguir os diversos níveis de língua ou marcas estilísticas. Uma vez que as fronteiras entre os níveis são cada vez mais questionáveis e suas definições não têm valor absoluto, essas classificações não podem ser absolutas. No próprio *Le Petit Robert* (1991), por exemplo, ora as EI são subentradadas classificadas apenas como locução figurada (cf.: *avoir l'eau à la bouche; faire le chien couchant*), ou como locução metafórica (cf.: *avoir le coeur gros*), ora como locução figurada e coloquial (cf.: *mettre le nez dehors*) ou figurada e popular (cf.: *mettre des bâtons dans les roues*), e podem vir até como entrada (cf.: *à dieu va!* – uma locução interjetiva). Heinz (1993) analisou profundamente essa questão.

Na verdade, medir o grau de desvio cultural entre dois usos lingüísticos seria objeto de um exame global, ao mesmo tempo sócio-semântico e lingüístico, de cada uso, o que para Rey (1986), por exemplo, ultrapassa “e muito” a problemática lexicográfica.

De qualquer forma, a indicação dos registros lingüísticos em um dicionário é muito útil para os consulentes, sobretudo para os estrangeiros: só a marca “*employée dans le langage écrit littéraire*” da EI *tenir en lisière* poderia impedir uma tradução coloquial como “trazer num cortado” ou “manter a rédeas curtas” para seu equivalente, e sugerir talvez «manter sob sua custódia”, que é mais formal. Por isso o lexicógrafo apóia-se, muitas vezes, apenas em sua intuição, o que tem forte influência sobre os equivalentes propostos em um dicionário bilíngüe, provocando notáveis diferenças de informações diastráticas entre os dicionários.

Dever-se-ia, então, segundo Bárdosi (1992), utilizar menos classificações, mas bem escolhidas e claras, para qualificar unicamente o que se afasta de modo evidente e pronunciado de um uso lingüístico neutro, no sentido amplo do termo.

No que concerne às EI, não interessa o nível *culto* (em que a linguagem é formal, correta e precisa e o vocabulário mais rebuscado ou até raro) e interessa pouco o nível *comum* ou *padrão* (por comportar geralmente locuções correntes mas inexpressivas, que podem até ter equivalentes idiomáticos) (Bally, 1951).

As EI, por sua vez, encontram-se, em sua grande maioria, no nível *coloquial*: linguagem informal, que usa palavras novas, imagens pitorescas, sentidas como “anormalidades”, sem que a freqüência de seus

desvios constitua uma deformação que torne “inaceitáveis” as mensagens dadas – *ter muita cera no ouvido, arriscar a pele, cheirar a defunto, vender seu peixe* etc. O uso das EI nesse nível coloquial denota, na verdade, intimidade entre os interlocutores, em uma situação de comunicação descontraída (Peytard & Génouvrier, 1970).

Considerando-se, então, os problemas teóricos e os práticos que interferem nos estudos lexicológicos e no tratamento lexicográfico das EI, entramos em um território algo complexo e delicado: um verdadeiro *campo minado*.

XATARA, C. M. The minefield of idioms. *Alfa (São Paulo)*, v.42, n.esp., p.147-159, 1998.

- **ABSTRACT:** *This paper presents theoretical and practical questions associated to the lexicological analysis and to the lexicographical treatment of the idioms, focusing on the problems of their concept and their signs of frequency, space and time, besides their social signs.*
- **KEYWORDS:** *Idioms; complex lexia; connotation; crystallization; frequency; regionalism; synchrony; levels of language.*

## Referências bibliográficas

- ALVES, I. M. O neologismo sintagmático. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5, 1990, Recife. *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL*. Porto Alegre, 1991.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 3.ed. Paris: Klincksieck, 1951. 2v.
- BÁRDOSI, N. Problèmes posés par le traitement lexicographique des figés dans les dictionnaires français. *Fremdsprachen Lehren und Lernen*, n.21, p.104-16, 1992.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277p.
- BORBA, F. S. Lexicografia e descrição da língua. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5, 1990, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 1991. v.2, p.81-6.
- CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. Maria Helena de Moura Neves. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 376p. Original inglês.
- CORBIN, D. Le monde étrange des dictionnaires (4): la créativité lexicale, le lexicographe et le linguiste. *Lexique* (Paris), n.2, p.43-68, 1983.

- DANLOS, L. La morphosyntaxe des expressions figées. *Langages* (Paris), n.63, p.53-74, 1981.
- ETTINGER, S. Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In: HAENSH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p.233-58, 1982.
- FIALA, P. Pour une approche discursive de la phraséologie. Remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent. *Langage et société*, n.42, p.27-44, 1987.
- GECKELER, H. *Semântica estrutural y teoría del campo léxico*. Trad. Marcos Martínez Hernández. Madri: Gredos, 1976. 385p.
- GREIMAS, A. Idiotismes, proverbes, dictons. *Cahiers de Lexicologie* (Paris), n.2, p.41-61, 1960.
- GROSS, M. Une classification des phrases "figées" du français. *Revue Québécoise de Linguistique* (Montréal), v.2, n.11, p.151-85, 1982.
- HEINZ, M. *Les locutions figurées dans le "Petit Robert"*. Tübingen: Max Niemeyer, 1993.
- HUNDT, C. Construção de verbo + substantivo. Estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia. Verbo e estruturas frásicas. *Revista da Faculdade de Linguas e Literatura*, anexo VI, p. 267-275, 1994.
- LIPSHITZ, E. La nature sémanto-structurelle des phraséologismes analytiques verbaux. *Cahirs de lexicologie*, v.1, n.38, p.35-40, 1981.
- LODOVICI, F. M. M. *Elementos constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil*. São Paulo, 1989, 262p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica.
- MESSELAAR, P. A. Tentative de systématisation en lexicographie bilingue malgré les limites de la sémantique. *I. T. L.: review of applied linguistics* (Leuven), n.79-80, p.113-33, 1988.
- PEYTARD, J., GENOUVRIER, E. *Linguistique et enseignement du français*. Paris: Larousse, 1970.
- POTTIER, B. *Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales*. Nancy: Faculté de Lettres, 1962.
- \_\_\_\_\_. La subduction, la métaphore et les lexies. *Cahiers de Lexicologie* (Paris), v.1, n.50, p.209-18, 1987.
- REY, A. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. *Lexicographica* (Paris), n.2, p.33-42, 1986.
- RUWET, N. Du bon usage des expressions idiomatiques dans l'argumentation en syntaxe générative. *Revue Québécoise de Linguistique* (Montréal), v.1, n.13, p.23-43, 1983.
- SABINO, F. *Lugares-comuns*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1984. 171p.
- TAGNIN, S. E. O. *Levels of conventionality and the translator's task*. São Paulo, 1987. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. A tradução dos idiomatismos culturais. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, n.11, p.43-52, 1988.

- TRISTÁ, M. A. *Fraseologia y contexto*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988. 195p.
- XATARA, C. M. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara, 1994, 140p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- \_\_\_\_\_. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 1998, 253p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- ZULUAG, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.